



CARTA ANUAL DO SUPERIOR GERAL  
AOS MEMBROS DA PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

## **APÓSTOLOS COMUNICADORES**

### ***Para uma cultura do encontro***

Caros irmãos,  
a graça, a paz e o amor de Jesus Mestre estejam com todos vocês!

Depois de ter abordado, nas últimas duas Cartas anuais, alguns aspectos relativos à santidade e ao estudo, este ano gostaria de aprofundar a roda do “carro paulino” relativa ao apostolado, um tema muito caro para nós e toda a Família Paulina. Início a reflexão com as palavras do nosso Fundador, o Beato Tiago Alberione, que afirma, referindo-se de modo particular ao apostolado da imprensa: *«Apostolado! Este simples termo traduz toda uma missão, todo um programa. É apóstolo aquele que reza, que fala, que age, que sofre, que ama, que crê, que espera. Mas é também e grande apóstolo quem escreve, quem imprime, quem difunde a Palavra de Deus»*<sup>1</sup>.

Como emerge deste pensamento, a ação apostólica não é destacada da pessoa do apóstolo. A evangelização é o fim principal em cuja direção se projeta a nossa vocação apostólica<sup>2</sup>. Todavia, é evidente que o desenvolvimento e a fecundidade do apostolado não dependem só da adoção dos meios que o progresso técnico e científico põe regularmente a serviço do Evangelho, mas depende sobretudo da pessoa do apóstolo que desenvolve a missão: *«O apostolado é um fruto, e o fruto vem da planta: se a planta é sã, o fruto será abundante; mas se a planta é doente, o fruto ou não existirá ou será escasso»*<sup>3</sup>.

Nesta perspectiva, podemos dizer que o desenvolvimento do apostolado – ou seja, sua compreensão carismática, os horizontes, o conteúdo, criatividade, sensibilidade pastoral, organização, metodologia de trabalho, audácia, etc. – depende da pessoa do apóstolo, mesmo quando as situações externas podem ser adversas. De fato, não há renovação institucional ou impulso apostólico se não houver uma regeneração de cada pessoa: e é igualmente evidente que não existe tal regeneração se não estabelecermos uma comunicação de qualidade com Deus, com os outros, conosco mesmos, com a criação, etc.

---

<sup>1</sup> Tiago Alberione, *L'apostolato dell'edizione (AE)*, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo, 2000, n. 5.

<sup>2</sup> Cf. *Documentos do Capítulo Geral Especial 1969-1971*, Casa generalizia della Società San Paolo, Roma, 1982, n. 71.

<sup>3</sup> Tiago Alberione, *Vademecum*, Edizioni Paoline, Cinisello Balsamo, 1992, n. 961.

Esta Carta pretende ir além da perspectiva técnico-instrumental da comunicação e, conseqüentemente, do nosso apostolado<sup>4</sup>. Somos conscientes de que a missão paulina consiste em difundir o Evangelho através dos instrumentos de comunicação social – de onde também deriva o falar de tudo cristãmente<sup>5</sup> – e que devemos estar sempre atentos aos sinais dos tempos para poder adotar os meios mais rápidos e eficazes que a inteligência humana coloca à nossa disposição para o maior bem da humanidade<sup>6</sup>. No entanto, a identidade do Paulino não coincide apenas com a sua atuação no ambiente específico da comunicação, mas sobretudo com a sua autocompreensão como “homem de comunicação”<sup>7</sup>, como pessoa de relações autênticas, que tem na dimensão da comunicação parte constitutiva do seu ser e do seu agir.

Considerando que esta temática é muito ampla e complexa, é nossa intenção abordá-la de uma perspectiva muito particular, aquela da “cultura do encontro”<sup>8</sup> que exige a criação de relacionamentos humanos saudáveis e frutíferos, sustentados pelo coração<sup>9</sup> de cada pessoa. De fato, quem tem amor, ama; quem tem ódio, odeia; quem é venenoso, espalha veneno; quem é alegre, semeia alegria; aqueles que são otimistas, comunicam coisas positivas; e assim por diante. Quem acredita que é possível chegar a uma “cultura de encontro”, pratica uma comunicação que ajuda a construí-la.

Tal argumento, enquanto por um lado toca a raiz das nossas dificuldades atuais, ao mesmo tempo oferece um caminho regenerativo para nós “apóstolos comunicadores e consagrados”<sup>10</sup>. Nesse sentido, buscaremos apresentar uma reflexão sobre a comunicação que nos ajude a confrontar essa realidade com a nossa identidade de “Editores paulinos” (isto é, homens de comunicação!). Esperamos que cada um de nós – individual e comunitariamente – assuma este tema com seriedade, para avançar na qualidade dos nossos relacionamentos (*ad intra* e *ad extra*).

Obviamente esta reflexão deve ser integrada aos demais aspectos da vida paulina: vida comunitária, espiritualidade, votos religiosos, piedade, formação (a “estudiosidade”), relações interpessoais, administração... Considerando que tudo deve caminhar em harmonia em vista da nossa missão.

## 1. A comunicação para uma “cultura do encontro”

É certo que o significado da expressão “cultura do encontro”, como o Papa Francisco a utiliza, requer uma hermenêutica muito precisa para realçar todo o seu potencial e a sua fecundidade. Em linhas gerais, podemos afirmar que ela se opõe a uma cultura fragmentada e

---

<sup>4</sup> É oportuno ter presente a *Carta Anual* de 2014, escrita por don Silvio Sassi, *Evangelizar na comunicação com a comunicação*, na qual propõe a leitura e atualização de *Apostolato Stampa*, apresentando em forma orgânica a visão do Beato Tiago Alberione sobre o apostolado e a pessoa do apóstolo.

<sup>5</sup> Cf. Tiago Alberione, *Abundantes divitiae (AD)*, Società San Paolo, Roma, 1998, n. 87-88.

<sup>6</sup> Cf. *Constituições e Diretório da Pia Sociedade de São Paulo*, art. 2.1.

<sup>7</sup> “Paulino, homem de comunicação” foi o tema do VI Capítulo geral da Pia Sociedade de São Paulo, realizado em Ariccia de 15 março a 16 abril 1992.

<sup>8</sup> Desde o início do seu pontificado, Papa Francisco está continuamente exortando a Igreja a viver e a promover no mundo uma verdadeira “cultura do encontro”, via privilegiada para promover e alcançar a paz duradoura entre os povos. Em sintonia com o Papa, somos chamados também nós a dar a nossa colaboração com gestos e iniciativas concretas.

<sup>9</sup> «Na Bíblia, o coração significa as nossas verdadeiras intenções, o que realmente buscamos e desejamos, para além do que aparentamos: “O homem vê as aparências, mas o Senhor olha o coração” (*1Sm* 16,7). Ele procura falar-nos ao coração (cf. *Os* 2,16) e nele deseja gravar a sua Lei (cf. *Jr* 31,33). Em última análise, quer dar-nos um coração novo (cf. *Ez* 36,26).», in Papa Francisco, *Gaudete et Exsultate*, n. 83.

<sup>10</sup> Cf. *Declaração do X Capítulo geral da Pia Sociedade de São Paulo*.

dispersiva, marcada pelo individualismo, pela autossuficiência e pelo narcisismo; ou àquela cultura caracterizada por um conjunto de ideias, comportamentos, crenças, estilos de vida etc., que destrói o ser humano e os seus relacionamentos. Contrasta com a cultura do encontro a contracultura da exclusão, do preconceito, do descartável e da indiferença. Ao contrário, a cultura do encontro é aquela que surge da comunicação praticada a partir da proximidade<sup>11</sup>, onde estão presentes o respeito, o diálogo, a inclusão e a colaboração<sup>12</sup> em vista do bem comum.

A cultura do encontro não é apenas algo a ser difundido através dos nossos instrumentos de apostolado, mas é sobretudo uma realidade para ser posta em prática a partir das nossas relações interpessoais. Nós mesmos devemos, em primeiro lugar, sentir-nos desafiados a dar a nossa contribuição para promover essa cultura a partir dos pequenos gestos diários nas nossas comunidades e nas nossas estruturas apostólicas. O magistério pontifício atual insiste repetidamente que a cultura do encontro deve estar no coração da missão da Igreja e, podemos acrescentar sem medo de contradição, também no coração do apostolado paulino, que encontra na comunicação o aspecto central de seu carisma.

A comunicação, realidade sem a qual é impossível viver, é imprescindível na construção dessa cultura. De fato, expressar-se, dialogar e compartilhar com o outro a nossa vida são alguns dos elementos que nos definem como seres humanos. A comunicação é o meio natural para entrar em contato com o outro. É o horizonte que todos nós desejamos e do qual, simultaneamente, às vezes temos medo, porque aproximar-se do outro pode ser difícil. Somente a comunicação é capaz de administrar esse relacionamento ambivalente entre o eu e o outro<sup>13</sup>.

Na origem da palavra comunicação está o termo “comunhão”<sup>14</sup>. A comunicação é sempre uma busca do outro e de um compartilhar. Ela tem a capacidade de romper as barreiras que construímos em torno de nós mesmos, o círculo fechado de nossa autossuficiência, e nos permite aproximar-nos do outro, reconhecer sua alteridade, sua especificidade, sua diferença em relação à nossa pessoa. Nesse processo comunicativo, a escuta é um elemento essencial, pois a eficácia da comunicação em si não depende apenas do que é dito, mas, acima de tudo, de quanto e como se escuta.

Comunicar, mais do que falar, exige saber escutar, uma atitude que supõe a disposição a entender as expectativas do interlocutor, para entrar em seu mundo. «*Escutar significa prestar atenção, ter desejo de compreender, dar valor, respeitar, guardar a palavra alheia. [...] Escutar significa também ser capaz de compartilhar questões e dúvidas, caminhar lado a lado, libertar-se de qualquer presunção de onipotência e colocar, humildemente, as próprias capacidades e dons ao serviço do bem comum*»<sup>15</sup>. O ritmo acelerado do nosso tempo, marcado por tantos ruídos e associado a certas tendências individualistas, nem sempre nos ajuda a escutar. Se não

---

<sup>11</sup> Cf. Papa Francisco, *Mensagem para a 48ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais: “Comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro”*, 24 janeiro 2014.

<sup>12</sup> Cf. Santiago Madrigal Terraraz, *L'unità prevale sul conflitto. Papa Francesco e l'ecumenismo*, Libreria Editrice Vaticana, Roma, 2017, p. 44.

<sup>13</sup> Cf. Dominique Wolton, *Pensar la comunicación*, Prometeo Libros, Buenos Aires, 2007, p. 42.

<sup>14</sup> O primeiro significado da palavra “comunicação”, surgido no século XII, provém do latim e se refere à ideia de comunhão, partilha. O segundo sentido aparece no século XVI e se refere ao conceito de transmissão, difusão. Está ligado ao desenvolvimento da técnica, começando pela imprensa. Cf. Dominique Wolton, *Pensar la comunicación*, op. cit., p. 37.

<sup>15</sup> Papa Francisco, *Mensagem para a 50ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais: “Comunicação e Misericórdia: um encontro fecundo”*, 24 janeiro 2016.

escutamos, o que diremos? Dessa situação nascem – e assim constatamos amargamente na realidade – tantos conflitos derivados de relacionamentos interpessoais carentes da escuta.

Ligado à escuta há o silêncio. Na verdade, é necessário fazer silêncio para escutar. Silenciando, permitimos que a outra pessoa fale, se expresse. Mas o silêncio também é uma ótima oportunidade para não permanecermos presos apenas às nossas palavras ou às nossas ideias, sem um confronto apropriado. *«Quando palavra e silêncio se excluem mutuamente, a comunicação deteriora-se, porque provoca um certo aturdimento ou, no caso contrário, cria um clima de indiferença; quando, porém se integram reciprocamente, a comunicação ganha valor e significado. O silêncio é parte integrante da comunicação e, sem ele, não há palavras densas de conteúdo. No silêncio, escutam-nos e conhecemo-nos melhor a nós mesmos, nasce e aprofunda-se o pensamento, compreendemos com maior clareza o que queremos dizer ou aquilo que ouvimos do outro, discernimos como exprimir-nos»*<sup>16</sup>.

Às vezes, tentamos resolver os problemas relativos à missão afrontando as consequências e não indo diretamente às suas causas. Em outras palavras, esquecemos que a raiz de certas dificuldades, mesmo a nível apostólico, frequentemente está na falta de uma comunicação interpessoal de qualidade, que inclui a escuta e o silêncio. É urgente o esforço de todos para comunicarmos bem, isto é, para adotar comportamentos que nos ajudem a ser mais próximos, conhecer-nos melhor uns aos outros e estar mais unidos.

## **2. O Paulino, homem de comunicação**

Citando o Fundador, no início dissemos que o apostolado é um fruto, que o fruto vem da planta e que a planta é cada um de nós enquanto pessoas. Para nós, Paulinos, o fruto depende em grande parte de como vivemos nossa identidade cristã e carismática, porque é desse modo – obviamente associado a outros dados pessoais e culturais e à nossa própria experiência de vida – que nos comunicamos com nossos confrades, com nossos colaboradores leigos, com os interlocutores do nosso apostolado. É com essa identidade que marcamos presença na “cultura da comunicação” e somos chamados a promover o encontro.

Não é possível aqui desenvolver de maneira completa todos os elementos que definem a identidade do Paulino. No entanto, um primeiro aspecto que podemos sublinhar é que, como todos os cristãos, sobretudo o Paulino é uma pessoa humana com suas luzes e sombras, chamada a deixar que a graça do batismo frutifique em um caminho de santidade<sup>17</sup>. Esta santidade consiste no amor de Deus, que nos amou primeiro, e na perfeita união com Cristo, da qual brota e recebe o impulso para amar o próximo<sup>18</sup>, concretamente no serviço aos irmãos.

Nesta realidade humana e cristã aberta à ação da graça de Deus, buscamos responder à nossa vocação específica, marcada por ao menos duas características. A primeira é a identidade instituída pela profissão dos conselhos evangélicos através dos votos: *«Celibato por amor do Reino daqueles que “perdem” a própria vida por Cristo e pelo Evangelho. A pobreza como libertação do próprio eu ensoberbecido, tanto na dimensão do ter como na do ser, para olhar para*

---

<sup>16</sup> Papa Bento XVI, *Mensagem para a 46ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais: “Silêncio e Palavra: caminho de evangelização”*, 24 janeiro 2012.

<sup>17</sup> Cf. Papa Francisco, *Gaudete et Exsultate*, n. 15.

<sup>18</sup> Cf. *Documentos do Capítulo Geral Especial 1969-1971*, op. cit., n. 4.

a humanidade com um olhar livre de interesses, de preconceitos, do medo de perder tempo e força e de ser julgado. Obediência como expressão de pertença à própria instituição ou, mais concretamente, ao mandato recebido, à missão pessoal e comunitária»<sup>19</sup>.

O segundo aspecto refere-se à nossa realidade como “editor”, característica conatural à nossa identidade e fortemente ligada à comunicação, um traço que não define apenas o nosso fazer, mas também o nosso ser, de acordo com o sentido que herdamos do nosso Fundador. O texto do Beato Alberione que interpreta os fundamentos teológicos do apostolado da imprensa em relação à evangelização entendida como “edição” (que podemos entender como “tirar de si para dar aos outros”) é uma fonte de inspiração para nós: «O Pai Celeste ab aeterno é o Editor do Filho. [...] O Filho Divino, Editor do Evangelho como Mestre Caminho, Verdade e Vida. [...] O Espírito Santo é o Autor e o Editor da Sagrada Escritura. [...] Maria é a Editora do Verbo feito carne. [...] Edição e Editora é a Igreja. [...] Maria também é Mãe, Mestra e Rainha dos Editores e das Edições. [...] São Paulo: o escritor mais abundante do Novo Testamento»<sup>20</sup>.

O Paulino, vivendo os compromissos próprios do Batismo e da vida consagrada, inspirado por Jesus (e pela Trindade), em Maria e em São Paulo, é chamado a ser “editor” e fazê-lo através de um carisma institucional que está em função da evangelização. «O Paulino que realiza esta tarefa não é apenas um “profissional” da comunicação, mas é um “apóstolo”: uma pessoa que, inserida na comunidade, vive a experiência de fé em Cristo seguindo o exemplo de São Paulo, e se torna “testemunha” da sua experiência nas formas e linguagens da comunicação atual. O beato Alberione assim resume o perfil dos paulinos: “nem comerciantes nem industriais, mas Sociedade de Apóstolos”»<sup>21</sup>. Recordemos que o termo “apóstolo” significa “enviado”<sup>22</sup>, aquele que anuncia uma mensagem. Como apóstolo, o Editor paulino é chamado a evangelizar ou, nas palavras do nosso Fundador, exalar Deus por todos os poros: com suas palavras, suas obras, suas orações, seus gestos, suas atitudes: em público e em privado, por todo o seu ser<sup>23</sup>. Ele é chamado a ser verdadeiro homem de comunicação de Deus.

Considerando que «as obras de Deus são feitas com os homens de Deus»<sup>24</sup>, é também oportuno sublinhar que, para viver plenamente essa identidade, o Editor paulino é convidado a buscar todos os meios<sup>25</sup> e os tempos adequados para permanecer na escuta constante de Deus, em uma comunicação vital com Ele, «se não, quem está vazio, o que dirá?»<sup>26</sup>. Neste contexto, podemos destacar a celebração eucarística<sup>27</sup>, a “visita” e a meditação da Palavra (especialmente os Evangelhos e as Cartas de São Paulo<sup>28</sup>), o exame de consciência, etc. São todos “espaços de comunicação”, de encontro com o Mestre, para nos tornarmos, assim,

---

<sup>19</sup> Renato Perino, *Il Paolino editore oggi alla luce dei fondamenti carismatici della Società San Paolo*, in *Organizzazione Apostolica e multimedialità alla luce della III Priorità*, Roma, 1992, p. 19.

<sup>20</sup> Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit., n. \*919.

<sup>21</sup> Silvio Sassi, *Intervento alla 9ª Assembleia generale del CIDEP (São Paulo – Brasil, 11-18 novembro 2013)*, in *San Paolo*, Anno 89 (Aprile 2014), n. 445, p. 45.

<sup>22</sup> A palavra “apóstolo” deriva do grego “apostéllō” (mandar). Cf. a voz “Apostoli” in *Temi Teologici della Bibbia*, a cura di Romano Penna – Giacomo Perego – Gianfranco Ravasi, San Paolo, Cinisello Balsamo, 2010, p. 85.

<sup>23</sup> Cf. Tiago Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei (UPS) IV*, Edizioni San Paolo, Cinisello Balsamo, 1998, n. 277-278.

<sup>24</sup> Tiago Alberione, *Carissimi in san Paolo (CISP)*, Edizioni Paoline, Roma, 1971, p. 210.

<sup>25</sup> Cf. Tiago Alberione, *AE*, op. cit., nn. 94.87.102.

<sup>26</sup> Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit. n. 967.

<sup>27</sup> É oportuno recordar as palavras do Beato Tiago Alberione: «Eucaristia e Bíblia formam o apóstolo das edições. São estas duas coisas inseparáveis e unidas no vosso coração», in *Haec meditare II*, I (1941), p. 80.

<sup>28</sup> Cf. Tiago Alberione, *CISP*, op. cit., p. 168.

seus comunicadores e, conseqüentemente, verdadeiros promotores do diálogo, da comunhão e do encontro.

### 3. Analisando a nossa realidade de comunicadores

Depois de ter apresentado alguns elementos que identificam o Paulino, podemos nos questionar: na prática, como vivemos a nossa identidade de “homens de comunicação”? Não nos referimos apenas à nossa missão específica de comunicar com meios técnicos, mas sobretudo à comunicação interpessoal.

Certamente a comunidade e o ambiente em que realizamos o nosso apostolado são os primeiros lugares a serem beneficiados por uma comunicação autêntica. Todos concordamos que ambientes saudáveis nos permitem alcançar o que as nossas Constituições nos propõem como estilo de vida, quando indicam que o propósito da nossa Congregação é alcançado por meio de um apostolado eminentemente comunitário, no qual todos os membros cultivam a cooperação fraterna e a amizade, e se ajudam mutuamente para corresponder à vocação comum<sup>29</sup>.

São belos propósitos, mas não podemos esconder a realidade! Devemos nos indagar com sinceridade se vivemos ou, pelo menos, se tentamos viver uma comunicação interpessoal satisfatória, como espera-se do Editor paulino, para construir “encontro” e alcançar a “colaboração fraterna”. É verdade que há confrades que se esforçam nesta direção. No entanto, observando a nossa realidade, constatamos que ainda temos um longo caminho a percorrer neste sentido, especialmente onde existem obstáculos que ainda impedem uma boa comunicação.

A este respeito, queremos sublinhar as dificuldades que surgem especialmente nos ambientes em que predomina não tanto a proposta do Evangelho mas uma certa lógica empresarial e mercantil. São estes os lugares onde mais problemas são criados nas relações interpessoais, com graves conseqüências para a vida comunitária e, portanto, para o próprio apostolado. Refiro-me àqueles ambientes nos quais se busca impor cegamente uma radical estrutura hierárquico-empresarial impulsionada pela busca desenfreada da eficiência, transformando as relações que deveriam ser entre irmãos em relações meramente funcionais, muitas vezes frias, porque se centram quase exclusivamente nos resultados: isso apenas gera conflitos e sofrimentos.

Eis uma reflexão, na verdade uma preocupada e interessante observação, sobre a influência do mercado na vida consagrada: «*A lei do mercado está produzindo seres humanos feitos à medida da lei da selva. E nos encontramos com homens e mulheres, religiosos e religiosos, em busca de sucesso pessoal, agressivos, inseguros, desorientados. Pessoas sem ideais, sem esperanças ou utopias, que buscam conforto e segurança e que vivem suas vidas sem motivação válida. O mercado resseca os seus corações. Ensina a competir, a calcular; mas não a ser pessoas, sobretudo pessoas criativas*»<sup>30</sup>. Quão triste é a vida consagrada onde não há amor, não há gratuidade, não há comunicação verdadeira, não há profecia, não há encontro!

Naturalmente, é indispensável considerar a realidade do mercado e as leis do comércio e da indústria; é evidente que devemos organizar bem as diferentes áreas e setores do

---

<sup>29</sup> Cf. Constituições e Diretório da Pia Sociedade de São Paulo, art. 15.

<sup>30</sup> Carlos Del Valle, *Vita Religiosa e Società*, in *Consacrazione e Servizio*, n. 11 (novembre 2002). Encontrado na internet: <http://www.usminazionale.it/1-2002/delvalle.htm>

apostolado unificados em um projeto único; é igualmente necessário respeitar os diversos cargos e funções e estar atentos às leis trabalhistas, etc. Mas devemos ter presente ao mesmo tempo que todas essas coisas são na realidade meios, nunca o fim, e sobre isso já o nosso Fundador nos advertiu<sup>31</sup>. A história nos ensina que onde os critérios de mercado tomam o lugar do Evangelho – aquele conjunto de valores que engloba amor, serviço, fraternidade, misericórdia, justiça, paz... – cedo ou tarde a ruína é certa.

Essas observações nos interrogam e devem conduzir-nos a verificar também outros aspectos, por exemplo, o modelo comunicacional predominante na nossa organização apostólica. É por acaso ainda inspirado no modelo herdado da mass mídia (imprensa, rádio, TV...), no qual predomina uma comunicação vertical, hierárquica, autoritária, despersonalizada, baseada no paradigma de um que fala em modo unidirecional a todos, etc.?

Além das relações humanas nas comunidades e estruturas apostólicas, é necessário também verificar como está o nível da nossa interação com a Igreja universal e local, com as pessoas (nossos interlocutores ou destinatários) situadas em seu contexto cultural, social, econômico, político e religioso, com as diferentes problemáticas nas quais está em jogo a vida da humanidade (ecologia, por exemplo), etc. Devemos analisar até que ponto a opção de chegar às periferias, aos não-cristãos, aos pobres... é de fato uma realidade em nossas iniciativas editoriais e de difusão. É fácil constatar que comunidades muito fechadas – ou, pior ainda, auto-referenciais – prejudicam tanto as pessoas que nela vivem e trabalham como o próprio impulso apostólico.

Em geral, sinto que nós ainda não entramos, como era esperado, no modelo de comunicação que nasce das redes digitais, um ambiente que, apesar de alguns aspectos problemáticos, apresenta um espaço aberto à interatividade, à participação, à colaboração, à comunicação horizontal e compartilhada. Sobre isso, vale a pena recordar o que foi dito no 2º Seminário Internacional de Editores Paulinos: «*Não podemos viver de ilusões. A mídia digital está aí, a internet existe e rapidamente se transforma, adaptando-se às diferentes necessidades das pessoas em um nível global. Assim, a rede muda as nossas sociedades, e não podemos nos iludir que não muda a Igreja, e até mesmo o nosso modo de pensar e de viver a comunidade cristã*»<sup>32</sup>. A mudança que estamos vivendo não é puramente tecnológica, mas cria e insere-nos em “novas” relações: nos conduz à rede!

Peço a todos, então, para olhar com atenção para as nossas comunidades e os nossos ambientes apostólicos, para ver até que ponto o ideal do Paulino como “homem de comunicação” – que cria comunhão e promove o encontro – é vivido em diferentes níveis. Para que possamos dar alguns passos avante no processo da comunicação eficaz, busquemos juntos na nossa espiritualidade duas referências que seguramente podem nos ajudar neste caminho.

#### **4. Jesus, Mestre de comunicação**

A renovação do pensamento e da ação, e a sua orientação para uma “cultura do encontro” dizem respeito à própria estrutura da nossa natureza humana, que é claramente orientada para o relacionamento, a descoberta do outro, a interação, o diálogo, como mencionamos acima. Todos esses aspectos, plenamente humanos, estão presentes na pessoa de Jesus.

---

<sup>31</sup> Cf. Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit., n. 1066.

<sup>32</sup> Dario Edoardo Viganò, *Di quali modelli di comunicazione ha bisogno oggi la Chiesa nel mondo?*, in *Atti del 2º Seminário Internazionale Editori Paolini*, Ariccia, 16-21 ottobre 2017, p. 99.

Com linguagem paulina, podemos dizer que Jesus é o nosso Mestre também nesse tipo de comunicação que conduz ao encontro com o outro e que vemos em primeiro lugar emergir na SS. Trindade, que é comunhão de amor e arquétipo da comunicação. Toda a ação da Trindade no plano da salvação é uma “comunicação generativa”, criativa, tornando-se para nós fonte, modelo e referência tanto como protótipo de comunicação quanto como um modo de relacionamento. Este horizonte trinitário de comunhão envolve-nos a todos e estimula-nos a viver no amor e na partilha fraterna, certos de que onde há amor Deus aí está<sup>33</sup>.

O rosto de Deus é revelado em Jesus através da sua Palavra, que se torna libertadora e redentora de toda a humanidade, em sua pregação e em sua ação, através de uma comunicação que tem no amor o seu movente. Jesus nos mostra que somos todos amados por Deus; e, por sua vez, se espera que todos lhe correspondam, tanto no relacionamento com Ele como com os irmãos: «Se vocês tiverem amor uns aos outros, todos vão reconhecer que vocês são meus discípulos», disse Jesus (Jo 13,35).

A abertura ao amor manifestado em Jesus é um caminho imprescindível para libertar-se de uma consciência isolada e da auto-referencialidade (cf. EG 8). Somente deixando-se possuir pelo seu amor é possível romper todo tipo de atitude individualista, mercantilista e narcisista que, associada a muitos outros comportamentos destrutivos, impede a construção de boas relações e a concretização do encontro. Toda a vida de Jesus é expressão de comunicação: com o Pai, com o Espírito Santo, consigo mesmo, com seus discípulos, com as pessoas que encontrou pelo caminho, especialmente os marginalizados e os sofredores. Com gestos concretos de comunicação expressava escuta e silêncio, acolhida, respeito, misericórdia, compaixão, paciência...

De fato, «com frequência o ensinamento de Jesus adquiria a forma de parábolas e histórias vívidas, expressando verdades profundas com termos simples, quotidianos. Não só as suas palavras, mas também as suas obras, especialmente os seus milagres, eram atos de comunicação, que indicavam a sua identidade e manifestavam o poder de Deus. Nas suas comunicações, demonstrava respeito pelos seus ouvintes, simpatia pela sua condição e necessidades, compaixão pelos seus sofrimentos, e determinação decidida em dizer-lhes o que eles precisavam de ouvir, de maneira a chamar a sua atenção e a ajudá-los a receber a sua mensagem, sem coerção nem compromisso, sem decepção nem manipulação»<sup>34</sup>.

Como já mencionamos, o apóstolo é um “enviado”, mas antes ele é chamado a ser um «“perito” em Jesus»<sup>35</sup>, também no âmbito da comunicação. Isto significa que é necessário estabelecer-se em Jesus Mestre Caminho (vontade), Verdade (mente) e Vida (sentimento)<sup>36</sup> para aprender dele a comunicar de forma construtiva e positiva. Nesta perspectiva, o apóstolo é, antes de tudo, um “discípulo” que aprende com o Mestre e o imita na vivência de uma comunicação de qualidade. Portanto, olhando para Jesus na perspectiva da comunicação, precisamos refletir em que medida a nossa fé nele é uma fé ativa – que se expressa em gestos e atitudes de comunicação construtiva e fundada em relacionamentos autênticos – por meio do amor (cf. Gl 5,6).

---

<sup>33</sup> Cf. Papa Francisco, *Angelus na Solenidade da Santíssima Trindade*, 22 maio 2016.

<sup>34</sup> Pontifício Conselho das Comunicações Sociais, *Ética na comunicação social*, 4 junho 2000, n. 32.

<sup>35</sup> Cf. Papa Bento XVI, *Audiência geral*, 22 março 2006.

<sup>36</sup> Cf. Tiago Alberione, *UPS I*, op. cit., n. 187.



## 5. Paolo, apóstolo da comunhão

Outra referência na busca por uma comunicação construtiva encontramos em São Paulo. Mas antes de entrar neste tema, lembremos que Pe. Alberione é contundente ao apresentar o Apóstolo como modelo para a vida do Paulino: «*O original é Jesus Cristo; a forma é São Paulo [...] e nós temos que formar-nos nele. Viver, isto é, pensar, agir, zelar, como ele pensava, como ele agia, como ele zelava a saúde das almas, como ele orava. Ser verdadeiramente Paulinos. Paulinos!*»<sup>37</sup>. Em uma palavra: “empaulinar-se”<sup>38</sup>.

Formar-se em Paulo certamente supõe considerar não apenas o conteúdo da sua mensagem e o seu zelo apostólico, os meios utilizados e as estratégias pastorais por ele adotadas, mas também olhar para o seu estilo de vida no contato concreto e cotidiano com as pessoas e a sua capacidade de se envolver e estabelecer relações humanas, tanto com homens como com mulheres, aspectos que nem sempre consideramos. Como o nosso Fundador já salientava: «*São Paulo é muitas vezes considerado apenas na sua grande atividade apostólica; mas esta partia do coração, do seu grande amor a Jesus Cristo, ao Evangelho, às almas. Entende-se então como ele pôde fazer-se “tudo para todos”. [...]»*<sup>39</sup>.

Sem dúvida, a experiência que marcou profundamente a vida de São Paulo foi o encontro real e vivo com Cristo, aquele que havia sido crucificado (cf. 1Cor 1,22-24). Naquele encontro inesquecível no caminho de Damasco «*Cristo ressuscitado mostra-se como uma luz maravilhosa e fala a Saulo, transforma o seu pensamento e a sua própria vida. O esplendor do Ressuscitado torna-o cego: assim vê-se também exteriormente o que era a sua realidade interior, a sua cegueira em relação à verdade, à luz que é Cristo. E depois o seu “sim” definitivo a Cristo no batismo volta a abrir os seus olhos, faz com que ele realmente veja. [...] Isto alargou o seu coração, tornou-o aberto a todos*»<sup>40</sup>. O próprio Paulo afirma com convicção ter sido “chamado para ser apóstolo” e “escolhido para anunciar o evangelho de Deus” (cf. Rm 1,1), porque ele por primeiro provou em si mesmo a experiência da salvação. Sem esse evento – e consequentemente sem escutar o que Jesus lhe disse – não teria acontecido a sua conversão ou, de igual modo, a mudança radical na sua vida.

A partir do encontro com Jesus, Paulo descobre a verdadeira face de Deus, e se torna ele próprio um instrumento de comunicação (At 9,15). Portanto, «*para que Cristo seja anunciado (Fl 1,18) Paulo está sempre em viagem por terra e por mar, em regiões montanhosas e desertas, enfrentando todo tipo de perigo. O horizonte da sua missão é o mundo. Busca os centros importantes, as grandes cidades e os nós comerciais, de onde é mais fácil irradiar a sua mensagem*»<sup>41</sup>. Essa abertura universal chama a nossa atenção para o valor que São Paulo, na sua atividade apostólica, dá às relações interpessoais, às comunidades, ao encontro, frutos da sua capacidade de comunicar.

Mas em que sentido Paulo é “comunicador”? Certamente não o podemos entender adequadamente a partir de uma concepção distorcida de comunicador, visto frequentemente como um “falador” ou uma pessoa que faz da teatralidade e do espetáculo uma arma de persuasão dos outros graças ao uso da arte retórica e da aparência. De fato, «*das suas Cartas, sabemos que Paulo não era um orador hábil; aliás, partilhava com Moisés e com Jeremias a*

<sup>37</sup> Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit., n. 653.

<sup>38</sup> Cf. Tiago Alberione, *Primavera paolina (PP)*, Edizioni Paoline, Roma, 1983, p. 216.

<sup>39</sup> Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit., n. 644.

<sup>40</sup> Papa Bento XVI, *Audiência geral*, 3 setembro 2008.

<sup>41</sup> Bruno Maggioni, *Il Dio di Paolo e il Vangelo della grazia*, Paoline, Milano, 1996, pp. 14-15.

falta de talento oratório. “A sua presença corporal é débil, e a linguagem desprezível” (2Cor 10,10), comentavam sobre ele os seus adversários. Por conseguinte, os extraordinários resultados apostólicos que conseguiu não podem ser atribuídos a uma brilhante retórica ou a requintadas estratégias apologéticas e missionárias. O sucesso do seu apostolado depende sobretudo de um envolvimento pessoal no anúncio do Evangelho com total dedicação a Cristo; dedicação esta que não temia riscos, dificuldades e perseguições [...]»<sup>42</sup>.

Juntamente com os aspectos relacionados com o “conteúdo”, derivantes da sua experiência de encontro pessoal com Cristo, Paulo é um grande comunicador porque também ele é um verdadeiro promotor de comunhão (comunicação!). Mesmo quando durante o seu trabalho pastoral teve divergências com alguém, esses incidentes nunca foram uma razão para dividir ou romper a comunhão. Ao ler as suas cartas, particularmente o capítulo 16 da Epístola aos Romanos, encontramos uma série de nomes que pertenciam ao vasto círculo dos seus relacionamentos. Ele «é um construtor de comunhão: não apenas comunhão dentro de cada comunidade, entre membro e membro, grupo e grupo, mas também entre comunidades judaicas e comunidades helenísticas»<sup>43</sup>.

Quando falamos de “comunhão”, devemos ser cuidadosos, porque com frequência esse termo é visto e entendido como algo abstrato e é, por isso, desvalorizado. Paulo, justamente, conseguiu passar do nível místico, ontológico e ideal da comunhão para o nível prático da comunicação interpessoal, simples, quotidiano, o que certamente é resultado da sua capacidade de escutar. «Encontrando e escutando os outros, Paulo encontra a si mesmo, sua vocação última, a verdade de seu mandato missionário. Anunciando, anuncia-se e – analogamente – escutando se escuta»<sup>44</sup>.

Da escuta nasceram também as suas cartas que buscam, à luz do “evento Jesus”, responder aos problemas concretos das pessoas e comunidades com as quais ele tinha contato. Em outras palavras, o conteúdo da anúncio de São Paulo não nasce em laboratório, mas da prática, da sua ação, dos seus relacionamentos e, obviamente, do deixar-se guiar como dócil instrumento do Espírito do Ressuscitado. Na “comunicação em escuta”, Paulo é um homem totalmente dedicado à evangelização, sem outros interesses senão aqueles de Jesus, convencido de que o Evangelho é uma palavra não só para anunciar, mas também para tornar credível a partir da própria vida. Tal estilo de vida nos faz pensar até que ponto nós, Paulinos, imitamos nosso “pai”, inclusive na busca de uma comunicação que seja verdadeiro instrumento para promover o encontro e criar comunhão.

## 6. Superando a auto-referencialidade

Como vimos sucintamente, Jesus – Mestre na comunicação! – e Paulo – seu fiel discípulo – são duas referências indispensáveis no nosso caminho em direção a uma comunicação que conduz ao encontro. Observando o itinerário por eles feito, aprendemos que, se queremos uma comunicação que nos ajude a melhorar os nossos relacionamentos, precisamos ser pessoas “em saída”.

Estamos na Igreja e com a Igreja queremos ser uma Congregação “em saída”<sup>45</sup>. Obviamente, para “sair em direção a todos”, é preciso primeiro “sair de si mesmo”. Isso

---

<sup>42</sup> Papa Bento XVI, *Homilia na Basílica de São Paulo Fora dos Muros*, 28 junho 2007.

<sup>43</sup> Bruno Maggioni, *Il Dio di Paolo*, op. cit., p. 16.

<sup>44</sup> Giuseppe Mazza, *San Paolo, modello di comunicatore*, in *Atti del 2° Seminario Internazionale Editori Paolini*, op. cit., p. 212.

<sup>45</sup> Cf. *Declaração do X Capítulo geral*.

requer uma mudança de mentalidade, o abandono de preconceitos e do apego às próprias ideias, o distanciamento do individualismo e da visão mercantil das pessoas e do apostolado, a libertação de toda resignação, etc. A cultura do encontro, em que estamos insistindo nesta Carta, «requer que estejamos dispostos não só a dar, mas também a receber de outros»<sup>46</sup>, isto é, a “sair” para “acolher”.

Acerca do âmbito da nossa missão específica, já o Fundador insistia na necessidade de superar a auto-referencialidade para “sair” com o objetivo de chegar a todos quando, por exemplo, afirmou que «Jesus Cristo ensinou a não esperar pelo povo, mas a ir até ele»<sup>47</sup>. Hoje, mais do que nunca, devemos ir ao encontro das pessoas. Mas apenas isso não é suficiente. É urgente libertar-se da mentalidade auto-referencial que paralisa e que geralmente tenta justificar a inércia com a afirmação “sempre fizemos assim”. Quanto a isso, o mesmo Beato Alberione já advertia: «Não pensar em dizer: “sempre fizemos assim”. Com o passar dos anos precisamos nos adaptar às condições do tempo em que vivemos»<sup>48</sup>.

O próprio Magistério atual da Igreja universal está insistindo no assumir uma “pastoral em chave missionária”<sup>49</sup>, que justamente exige abandonar o critério comodista de “sempre foi feito assim”. A Igreja nos encoraja a sermos ousados e criativos na tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das nossas comunidades, advertindo que a identificação dos fins sem uma adequada procura comunitária dos meios para alcançá-los está condenada a traduzir-se em mera fantasia<sup>50</sup>.

Além disso, o tempo atual nos desafia a afrontar o mundo digital, que não é um mundo paralelo ao mundo real. Nas autoestradas digitais encontramos, assim como nas ruas e praças das nossas cidades, pessoas concretas com seus pontos fortes e suas fraquezas, com suas verdades e contradições. «A rede digital pode ser um lugar rico de humanidade: não uma rede de fios, mas de pessoas humanas»<sup>51</sup>, um campo aberto, portanto, para estabelecer relacionamentos e promover a cultura do encontro.

Precisamente neste âmbito, durante o 2º Seminário Internacional de Editores Paulinos emergiu claramente que «o editor do futuro produz relações. A rede deu aos indivíduos a oportunidade de se expressarem de maneira autônoma, independente, sem intermediários e de se conectarem livremente uns com os outros. Desta forma, ela eliminou o conceito de “massa” entendido como um grupo de consumidores de um mesmo produto, colocando no seu lugar um ecossistema povoado por inúmeras comunidades. Esta é a verdadeira revolução cultural do nosso século. Uma revolução que não tem as características de um monstro tecnológico, mas que é fruto da ânsia de partilha e de sociabilidade que residem no espírito humano desde o nascimento da nossa espécie»<sup>52</sup>.

Neste caminho de abertura não podemos esquecer que as instituições da Família Paulina, apesar da variedade de apostolados, pertencem a uma única “árvore”, que encontra na

---

<sup>46</sup> Papa Francisco, *Mensagem para a 48ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais*, op. cit.

<sup>47</sup> Tiago Alberione, *AE*, op. cit., n. 387.

<sup>48</sup> Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit., n. 347.

<sup>49</sup> Conferir, por exemplo, Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* n. 35: «Uma pastoral em chave missionária não está obsesionada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir. Quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções nem exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. A proposta acaba simplificada, sem com isso perder profundidade e verdade, e assim se torna mais convincente e radiosa».

<sup>50</sup> Cf. Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 33.

<sup>51</sup> Papa Francisco, *Mensagem para a 48ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais*, op. cit..

<sup>52</sup> Federico Badaloni, *Ripensare il ruolo dell'editore, oggi*, in *Atti del 2º Seminario Internazionale Editori Paolini*, op. cit., p. 191.

Eucaristia a sua raiz. Lembramos que «*a Eucaristia é a fonte da qual nasceu a Família Paulina. E, se assim nasceu, assim deve viver*»<sup>53</sup>. A Eucaristia, se vivida em profundidade, gera comunhão, partilha e serviço. A busca do encontro e a superação de tudo o que impede o seu desenvolvimento, partindo das nossas comunidades e da própria Família Paulina, é sem dúvida uma forma atual e concreta de testemunhar o Evangelho e exercitar a profecia em um mundo marcado pela tendência à dispersão e à fragmentação.

## 7. Conclusão

Caros irmãos, os desafios do nosso apostolado são enormes. Alguns são ligados às obras a serem realizadas com a mass mídia; outros referem-se ao impulso em direção à comunicação digital em rede. Duas realidades que, no entanto, devem estar cada vez mais integradas entre si. A estes desafios, adicionamos as novas iniciativas que surgem em algumas circunscrições, resultado da criatividade e audácia, como os centros culturais, os Centros Paulinos de Estudo em Comunicação, as diferentes atividades no campo bíblico, as livrarias como centro de evangelização e cultura, etc.

O maior desafio, no entanto, é renovar o Editor paulino como “homem de comunicação”. É com essa identidade e com tudo o que essa expressão significa que queremos marcar presença na “cultura da comunicação”; um “editor” que procura integrar o apostolado com a oração, com estudo (entendido como “estudiosidade”), com a vida comunitária, etc.; e que se esforça para ser um verdadeiro construtor de uma cultura do encontro. A pessoa toda por um apostolado mais fecundo: mente, vontade, coração<sup>54</sup>. Tudo o resto depende dessa vida integral e integrada!

No entanto, é oportuno ter em mente que um elemento essencial para alcançar esta renovação é a nossa conversão pessoal, o que pressupõe uma mudança no modo de pensar e de agir, iluminado pelo Espírito. Desta conversão depende a renovação das nossas comunidades e estruturas apostólicas<sup>55</sup>. Nosso Fundador insistia sobre este ponto: «*O verdadeiro zelo de uma reforma começa sempre de nós mesmos, portanto não ouçam aqueles que falam sobre reformas – reformas no clero, na sociedade, nas associações católicas – se primeiro vocês não constatarem que essas almas começam reformando a si próprias*»<sup>56</sup>.

Precisamos de uma conversão que leve a abandonar pensamentos e atitudes cheios de resignação. De fato, «*uma das tentações mais sérias que sufoca o fervor e a ousadia é a sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e desencantados com cara de vinagre. Ninguém pode empreender uma luta, se de antemão não está plenamente confiante no triunfo. Quem começa sem confiança, perdeu de antemão metade da batalha e enterra os seus talentos.*»<sup>57</sup>.

São muitas os questionamentos que podemos nos fazer sobre o tema aqui desenvolvido. Aqui podemos assinalar alguns: que contribuição concreta (a nível pessoal, comunitário, formativo e apostólico) cada um de nós pode oferecer para a construção de uma cultura do encontro? Jesus é para nós a primeira referência para uma comunicação de qualidade? Conseguimos criar “comunhão” e trabalhar em equipe com os confrades e os colaboradores

---

<sup>53</sup> Tiago Alberione, *Alle Pie Discepolo del Divin Maestro (APD)* IX, 1964, Edizioni Paoline, Roma, 1986, n. 203.

<sup>54</sup> Tiago Alberione, *AD*, op. cit., n. 22.

<sup>55</sup> Cf. *Objetivo Geral*, in *Atas do X Capítulo Geral da Pia Sociedade de São Paulo*.

<sup>56</sup> Tiago Alberione, *Vademecum*, op. cit., n. 169.


<sup>57</sup> Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, n. 85.

leigos, e também internamente na Família Paulina, como fazia o Apóstolo Paulo em sua ação pastoral? Quais são as dificuldades concretas e como superá-las? Em nível pessoal, comunitário e apostólico, estamos abertos à realidade do povo de Deus, a seus problemas e expectativas? Que passos já demos e quais estão por ser dados? Que pensamentos e obras do Beato Alberione podemos recordar, para motivar o nosso caminho de abertura? Que novas iniciativas apostólicas podemos propor para responder às necessidades de hoje, especialmente quando consideramos a comunicação em rede?<sup>58</sup>

Jesus, Mestre de comunicação, nos ajude a fazer tudo pelo Evangelho nas pegadas do Apóstolo Paulo, sob o olhar de Maria Rainha dos Apóstolos e a intercessão do Beato Tiago Alberione, jamais abandonando o compromisso de construir juntos, com fé e esperança, uma cultura do encontro.

Fraternamente

Roma, 6 maio 2018  
*VI Domingo de Páscoa*

  
Pe. Valdir José De Castro, SSP  
Superior Geral

---

<sup>58</sup> Nesta reflexão é oportuno considerar também os conteúdos das *Atas do 2º Seminário Internacional de Editores Paulinos* e o documento *Linhas editoriais. Identidade, conteúdo e interlocutores no apostolado paulino*.